



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS. SEGUNDA SÉRIE.

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1924 | Número: 34

Como citar este documento:

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. Segunda série. *Revista de Guimarães*, 34 (4) Out.-Dez. 1924, p. 199-206.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CANCIONEIRO

DE

S. SIMÃO DE NOVAIS

(SEGUNDA SÉRIE)

COLIGIDO POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

Quando comecei a coleccionar as quadras populares em voga na freguesia de S. Simão de Novais (concelho de V. N. de Famalicão), não fazia ideia do valor da riqueza poética que estava explorando. As cantigas colhidas no verão de 1922, em número de 478, constituíram a primeira série d'este «Cancioneiro», que foi publicada na *Revista de Guimarães* e em separata. Nas férias grandes de 1923 e de 1924 continuei a minha colheita, que elevou aquele número à avultada cifra de 1153 cantigas!

Dou agora à luz esta 2.^a série do «Cancioneiro», repetindo a mesma declaração já feita no prefácio da 1.^a série: tôdas as quadras foram por mim ouvidas em S. Simão; da tradição oral as obtive tôdas. Alguns dos meus informadores não eram de S. Simão, mas sim de algumas freguesias do Norte do concelho de V. N. de Famalicão ou de outras limítrofes do concelho de Barcelos. Era gente contratada para o serviço das vindimas, da qual devo destacar uma forte e linda rapariga de Jesufrei, a Laurinda, que me ensinou algumas centenas de cantigas.

Como na 1.^a série, o assunto largamente dominante

é o amor. É este sentimento que serve de motivo ao maior número e às mais belas das trovas.

São tantas as cantigas de amor, que é difícil dizer quais são as mais formosas. Não deixarei, todavia, de citar umas certas, que se caracterizam pela ironia e a malícia. São as de n.ºs 814, 830, 831 e 1084.

Nesta série, arquivo muitas quadras de carácter mais ou menos religioso, em regra aproveitadas para cantar nas romarias. São as de n.ºs 480, 512, 565, 566, 567, 568, 569, 595, 694, 695, 696, 819, 824, 948, 949, 953, 954, 955, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 993, 1038, 1039, 1040, 1042, 1043, 1065 e 1066.

Encontrei outras relativas à vida militar e à guerra, tais como as de n.ºs 504, 540, 787, 891, 893, 1064, 1089, 1090, 1117 e 1127.

Algumas são com certeza de elaboração recente, como acontece também às cantigas políticas, como as de n.ºs 724, 736, 860 e 1053.

Recolhi versos incorrectos, mas nem por isso os enjeitei. Ficam arquivados para confronto com os semelhantes de outros cancioneiros. Ou foram mal enunciados por quem me informou, ou encontram-se ainda em esbôço, não lapidados pela voz dos cantadores. São os de n.ºs 598, 628, 665, 834, 835, 860, 871, 1047, 1065 e 1123.

Nesta série dispus as quadras por ordem alfabética, o que é de vantagem óbvia.

Serviu-me de estímulo para a elaboração deste trabalho a simpatia com que foi recebida a 1.ª série do "Cancioneiro" por muitas das pessoas mais competentes do nosso meio científico e literário. Não esquecerei as palavras amáveis que me dirigiram os sábios professores D. Carolina Michaëlis e Leite de Vasconcelos, o etnógrafo estrangeiro Prof. Guido Vitaletti e vários eminentes homens de letras, como os doutores Fidelino de Figueiredo e Campos Monteiro.

Não devo ocultar que a meu Pai, o Professor J. A. Pires de Lima, muito devem as duas séries do "Cancioneiro". Em tudo êle me serviu de guia, orientando-me e incitando-me com os seus conselhos.

Que não é fútil a minha tarefa, demonstra-o bem a importância que se dá cada vez mais ao estudo da etnologia.

«A literatura portuguesa, diz M. Aubrey Bell no excelente estudo vulgarizado em português pelo Dr. Agostinho de Campos, é a maior que um pequeno povo tem produzido, exceptuando a Grécia antiga». Pois as gloriosas letras portuguesas muito devem à imaginação do povo. Gil Vicente, Garrett e alguns poetas contemporâneos ao povo simples de Portugal foram buscar a sua inspiração, e diz ainda o eminente lusófilo inglês, com tôda a justiça, que a literatura portuguesa, quando se vivifica, o faz quási sempre em estreito contacto com as canções humildes do nosso «povo dos campos, chistoso, imaginativo, poético, inteligente e supersticioso».

S. Simão de Novais, 18 de Outubro de 1924.

479

A alegria de te ver
foi a causa de eu penar :
quanto p'ra mim melhor fôra
nunca para ti olhar !

481

Abre o teu peito e fala,
coração, salta cá fora !
Anda ver o teu amor
que chegou aqui agora.

483

A cana verde me disse
se eu queria ir com ela :
Vai-te embora, cana verde,
que eu não deixo minha terra.

485

A ceranda é bonita,
é côrada como a rosa ;
deixei de amar a ceranda
por causa de ti, ó Rosa...

487

A costela dum piolho,
p'ra quem a souber guisar,
chegará para o almoço
e a mais para o jantar.

480

Abaixai-vos, carvalheiras,
co'as pontas para o chão :
deixai passar os pastores
que vão para o S. João.

482

A cana verde cheirosa
assubiu ao limoeiro :
anda de cano em cano,
se cai ao chão, perde o cheiro.

484

A cana verde se queixa
que é sachada no verão :
sachai-a devagarinho,
que não caia a fôlha ao chão...

486

A ceranda está doente ;
a ceranda que terá ?
Vamos mandar à ceranda
quatro pinguinhas de chá.

488

Adeus, cidade de Braga,
adeus, de Braga cidade !
Adeus, menina bonita !
Quem te deve que te pague...

489

Adeus, cidade de Braga,
arrasada sejas tu!
Passei lá ontem à noite,
'scorreguei, caí de c.!

491

Adeus, meu amor, adeus,
adeus até quinta-feira:
eu não passo sem te ver
uma semana inteira.

493

Adeus, que me vou embora,
a meia noite está dada:
já me está apoquentando (1)
o sono da madrugada.

495

Adeus, que me vou embora,
não me posso demorar!
Tenho a ceia por fazer
e o gado para ajeitar.

497

A fôlha da tua lata
de amarela está a cair.
Pensas que me tens seguro?
Inda te posso fugir...

499

Agora é que vou cantar
na hora de Deus, amém:
quem na hora de Deus canta
sempre lhe sucede bem!

501

Agora pergunto eu,
já que vós não preguntais:
A minha saúde é boa,
vós da vossa como estais?

503

Agora te vou dizer,
bôta conta ao que te eu digo:
não te hei-de deixar casar,
nem hei-de casar contigo!

490

Adeus, cidade de Braga,
convento das convertidas!
Adeus, praça da Batalha,
perdição das raparigas!

492

Adeus, ó fonte da Maia!
Água doce sem açucré,
onde vão beber a ela
pintassilgos de Adaúfe.

494

Adeus, que me vou embora,
a meia noite está dada:
eu tenho de ouvir em casa
sermão e missa cantada...

496

Adeus, que me vou embora,
que vou para Santa Vaia!
Se desta me vejo livre,
não temas que noutra caia... (2)

498

Agora é que vou entrando
no bairro da formosura;
aqui não há que escolher:
cada qual tem a que é sua.

500

Agora é que eu vou cantar,
ajudai-me, raparigas!
Agora é que eu vou saber
quem são as minhas amigas...

502

Agora que canto bem,
sempre gosto de cantar:
anda aqui p'ra a minha beira,
anda aqui p'ra me ajudar.

504

Ai, adeus, que eu vou p'ra a Lixa
adeus, eu vou-me lixar!
Ai, adeus, rapaziada,
eu cá vou p'ra militar!

(1) *Var.*: e já me está *atentando*(2) *Cf.* 449.

505

Ai de mim, que já não posso
com tantas pênas, amar-te!
São tantos a pretender-te,
que eu resolvo-me a deixar-te...

507

Ai mundo, tirano mundo! (1)
De ti tenho *mite* queixas:
quem deves levar não levas,
quem deves deixar não deixas!

509

Ajuda-me um bocadinho,
eu não posso cantar só:
eu sou boa cantadeira,
sou neta da tua avó.

511

Á laranja tira a tona,
tira-lhe o que ela tem dentro;
da tona faz um barquinho
e embarca teu pensamento.

513

Alfaiates não são homens,
nem se lhes pode chamar:
êles quando *perde* a agulha
ficam logo a chorar!

515

Algum dia, era eu
no teu prato melhor sopa;
agora dizes que sou
rosalgar em tua bôca...

517

Algum dia te quis bem;
êsse tempo acabou:
agora olho p'ra ti —
foi jeito que me ficou...

519

A maçã da macieira
é verde, não é madura:
é como o amor dos homens,
que é sempre de pouca dura.

506

Ai, ladrão, que me enganaste,
quando eu era pequena!
Se me enganasses agora,
eu não tinha tanta pêna...

508

Aí tens meu coração:
retalha-o como o marmelo;
depois de êle retalhado,
sabes o bem que te eu quero!

510

A laranja com a tona
demonstra galanteria.
Os meus olhos p'ra te ver
choram de noite e de dia.

512

Alegres cantemos!
Glória ao Senhor,
que hoje nos mostra
o seu santo amor!

514

Algum dia era eu
do teu peito mais querida;
agora, por meus pecados,
sou a mais aborrecida.

516

Algum dia, meu brinquinho,
meu regalo era ver-te;
agora tanto me rende
ganhar-te, como perder-te... (2)

518

Alumia-me, candeia!
Eu quero ver a quem amo.
Só à porta do mercado
se fala do preço ao pano.

520

A maçã da macieira
não se quer abocanhada:
é como a moça solteira
que espera de ser casada...

(1) *Variante*: Ó morte, negra tirana!

(2) Cf. 450 — 452.

521

A maleita leve os homens
e os dentes às formigas :
inda não têm doze anos
já andam às raparigas ! (1)

523

Amanhã é dia santo ;
hei-de ir a Ruivães à missa :
hei-de levar umas botas
nas costas duma cortiça.

525

Amarela, distraída,
roubastes a côr ao leite !
Roubastes o meu amor,
pede a Deus que te aproveite.

527

Amigas, minhas amigas !
Amigas, minhas, leais !
Quanto mais minhas amigas,
quanto mais me falseais...

529

Amor com amor se paga :
nunca vi coisa tam justa ;
paga-me contigo mesma,
saberás quanto te custa.

531

Amor de homem casado,
quem me dera sequer um !
Para calço das panelas,
que 'inda não tenho nenhum... (2)

533

A mulher é desgraçada
até no vestir da saia :
não há desgraça nenhuma
que ao pé da mulher não caia.

535

Anda comigo, ó Rosa,
deixa ficar a roseira ;
deixa ficar o amor
que estiver à tua beira.

522

Amanhã é dia santo,
dia de vestir camisa :
eu não tenho quem ma lave,
morreu a minha Luísa !

524

Amanhã é dia santo,
hei-de ir à missa dô dia :
quero ver o meu amor
à porta da sacristia.

526

Amarelo ! Amarelo !
Amarelo, linda côr !
Quem diz mal do amarelo,
também diz do meu amor.

528

Á minha porta está lama ;
quem *na* fêz ? Quem *na* faria ?
Quem *na* fêz anda de noite ;
não fui eu, que ando de dia. (2)

530

Amores, ao longe, ao longe !
Ao perto quem quer os tem :
quanto mais ao longe, ao longe,
quanto mais lhes quero bem.

532

Amor, nunca te deixei,
amor, tu não penses nisso !
Hás-de comer a castanha,
se eu te der o ouriço.

534

A mulher que capa os homens
anda no Campo da Feira :
Fugi, homens ! Fugi, homens,
que aí vem a capadeira !

536

Andais mortas por saber
quem é o meu namorado :
lá na rua do Cambezes
preguntai pelo Cambado.

(1) Cf. 41.

(2) Cf. 90.

(3) Cf. 216.

537

Anda-me aqui ajudar,
ó filha do coração!
Eu também te ajudarei
em qualquer ocasião.

539

À noite, menina, à noite,
à noite, depois de ceia,
a minha mãe é velhinha,
acende-se-lhe a candeia.

541

Antoninho, cara linda!
Não vás à fonte beber,
que lá estão penas da morte:
não te posso ver morrer!

543

Antoninho, pede a Deus,
que eu peço às almas santas,
que nos ajuntemos ambos,
já que as lágrimas são tantas!

545

Antón'o, lindo Antón'o!
Lindo amor tenho eu!
Quem tem um amor António
tem uma quinta de seu...

547

António, lindo António!
Linda cara de rapaz!
Tens olhinhos de garoto,
não sei se me enganarás...

549

António, pega na pena,
escreve, que eu vou notando,
espera, que eu serei tua,
não 'speres hora, nem quando.

551

A oliveira é a paz
que se dá aos bem casados;
as palmas ao sacerdote,
alecrim aos namorados.

538

Andas 'scamado comigo,
andas, que eu bem o entendo:
se é por causa de amores,
fala, que eu não os pretendo.

540

Antes queria morrer,
o meu corpo dar à terra,
do que ver o meu amor
ir combater para a guerra!

542

Antoninho, pé de cravo!
Manuel, pé de cereja!
Onde foste tu à missa,
que te não vi na Igreja? (1)

544

Antoninho! treme, treme,
como o junco na junqueira.
Quem te dera a ti, António,
urtigas à cabeceira...

546

António, lindo António,
António, lindo, decerto!
E's o mais bonito cravo
que o craveiro tinha aberto.

548

António, lindo António!
Linda malga de beber!
Nasceinos um para o outro,
que lhe havemos de fazer?

550

A oliveira do adro,
ramo dela tem virtude:
passei por ela doente
e logo tive saúde.

552

A pênna com que escrevi,
não a tirei ao patrão:
a tinta sai-me dos olhos,
a pênna do coração...

(1) Cf. 395.

553

Aquela mulher casada,
que lhe importa a minha vida,
se ela era peor que eu
quando era rapariga? (1)

555

Aquele que vai no burro,
êsse que no burro vai,
o de baixo é o burro,
o de cima é o pai.

557

Aqui chegou o Ferreira
na forma do seu costume :
tem os joelhos queimados
de assar batatas ao lume.

558

Eu não o posso deixar,
só te digo que é assim;
eu não o deixo a êle,
só se êle me deixa a mim...

554

Aquele navio novo,
aquele novo navio,
é o que me há-de levar :
passou as ondas do rio. (2)

556

Aquele que vai no burro,
quem mô dera ver cair !
Tenho o meu coração triste,
muito me havia de rir...

558

Aqui estou à tua beira,
sou firme, sem arrear :
eu quero-lhe tanto bem,
que o não posso deixar...

559

Aqui já não há quem venda
um metro por um vintém.
Hei-de espalhar saúdades
que o meu coração tem.

(Continua).

(1) Cf. 23.

(2) Cf. 471.